

TRADIÇÃO ORAL AFROBRASILEIRA: *Saberes trançados na comunidade negra rural do Mucambo.*

Rogério Lima Vidal¹

RESUMO

O artigo tem a intenção de socializar as tradições orais afrobrasileiras na vida dos *Mucambeiros*,²³ vivenciadas na comunidade negra rural do Mucambo localizada na região do Oeste da Bahia no período de 2012. O texto apresentado encontra-se em consonância à pesquisa de qualificação: Mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC-UNEB) em fase de andamento. A base metodológica que conduz o estudo encontra-se sustentada na pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica Ludke e André (1986); Geertz (1989); Messeder (2004) tendo como recurso o uso da entrevista narrativa e da história oral Bossi (2004), a fim de entender os processos ligados à preservação de suas tradições. Nas primeiras páginas elaboro algumas noções sobre tradição oral e como são tecidas suas dinâmicas territoriais apresentando seu corpo de entendimentos para as antigas civilizações negroafricanas com suas reelaborações no Brasil (Sodré ,1998); (Theodoro, 2005). Em seguida trago nas narrativas dos velhos o olhar para as suas celebrações religiosas. Finalizo demonstrando como estas criações em coletividade trazem a aproximação de um educar não institucionalizado, mas que, através do seu lúdico, as crianças e os mais jovens da comunidade aprendem estes fazeres e expandem sua imaginação e suas referências de mundo.

Palavras-Chaves: Tradições Oraais, comunidade negra rural e educação.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC. UNEB – Departamento de Educação campus I. Bolsista da FAPESB (Fundação de Amparo a Pesquisa). Pesquisador do NGEALC (Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Cultura). Membro do Grupo de pesquisa Educação Desigualdade e Diversidade. Pessoa_vidal@yahoo.com.br (71) 87444-2583

² A designação para o termo *Mucambeiro* é advinda da autoafirmação instituída por alguns moradores mais velhos da Comunidade que mantém oxigenada as suas tradições. O termo foi cunhado no período de janeiro de 2012 no povoado do Mucambo em conversa com colaborador da pesquisa no período da festa de Santos Reis.

1. INTRODUÇÃO

Os processos constitutivos da existência humana nunca estiveram dissociados uns dos outros. No decorrer da sua história dos diferentes povos, homens e mulheres sempre produziram meios para perpetuação de suas passagens no meio vivido, através de diversos mecanismos, sejam eles religiosos, culturais e políticos. Desse modo, os grupos humanos através do diálogo com suas tradições sempre se organizavam, criando meios para a materialidade de produções no ambiente em que viviam. Assim como presenciamos hoje em algumas comunidades tradicionais.

Estas relações ligadas à produção do existir para o grupo, direcionadas a cada indivíduo, tendo como ponto de partida à manutenção da existência coletiva e individual, gerava laços para além dos fatores da consanguinidade. Neste sentido todos se mantinham imbricados numa mesma concepção de mundo, nas interpretações sobre a vida e a morte. Ademais, esta ligação se estendia no clã, na família, na religião e nas narrativas míticas e outros veículos de transmissão de conhecimentos do mundo.

Assim, pelo veículo da tradição oral os grupos constituídos por homens, mulheres, crianças e anciões, estavam interligados uns com os outros. Acelerando o ritmo de novas possibilidades e avanços tecnológicos, educativos, morais, providos por códigos, símbolos linguísticos, relações sociais e políticas e de base econômica. Procurando através delas a sua identificação étnica. Como também, manter viva a memória dos seus antepassados.

A força impulsionada no fazer coletivo para obtenção dos bens votivos da comunidade garante sua expansão e continuidade, contribuindo para a formação de novas gerações e, ao mesmo tempo, criando novas formas de interpretação da utilidade deste fazer para os membros da comunidade e seus exteriores, coagulando o que consideramos como tradição.

Neste aspecto, corroboro com as contribuições de Theodoro (2004, 95), quando discute a tradição veiculada com [...] “a língua de cada povo estando diretamente ligada ao seu real, ligada àquela possibilidade que cada um tem de ver o mundo, de lidar com o cotidiano, de sentir emoção e que tem uma maneira muito própria de ser” . Desse modo é mais do que o desdobramento de uma cultura em ação, é também uma condição de manter vivas as memórias de um grupo ou sociedade impregnando as futuras gerações e dando-lhes vigor educativo.

Mediante esta perspectiva Macêdo (2004, 37) comenta que a tradição oral afrobrasileira configura-se no movimento sempre reatualizado de práticas e entendimentos de mundo que pela sua oralidade e ancestralidade sustentaram as antigas civilizações do mundo negro africano e de linhagens étnicas diversas, resignificadas no Brasil por meio do tráfico atlântico. “Tradição afrobrasileira, porque, apesar de ser constituída por elementos de diversas tradições culturais, tem como uma importante dimensão a tradição oral africana, na excelência da palavra dita, no valor ao sagrado, na repetição e na transmissão de saberes” .

Configurando a afirmação dos princípios civilizatórios negroafricanos do mundo fincados em outros territórios, a tradição oral afrobrasileira está veiculada à preservação das memórias de seus antepassados, dinamizadas e reescrita pelo tempo resultando no processo da formação de elementos fornecedores da manutenção identitária destes grupos.

Unidos pelo processo de culto religioso, novas identidades são formadas e se movimentam no mesmo colo placentário. Mesmo estando aliados a novos costumes e hábitos de outras procedências a tradição oral afrobrasileira incorpora novos saberes unificando o grupo em que ela está inserida

Nesta perspectiva, para as comunidades negras rurais ou quilombolas esta mesma presença ancestral de nascença africana aliada a outros *continuums* ou marcos civilizatórios, fundam novos campos de sentidos e cosmovisões e que firmam novas identidades direcionadas pela tradição. Estes novos desdobramentos estão presentes nas festas religiosas e outras encenações que revigoram os corpos trazidos pelos gestos e pelas memórias dos mais velhos.

Nesta abordagem, delimitaremos a perceber como esta força centrada pela tradição oral afrobrasileira encontra-se ressignificada e em constante movimento nas comunidades negras rurais, tendo como foco a comunidade do Mucambo, situada na região do Oeste baiano. Sendo que, através de suas celebrações como a Festa de Reis, o Samba São Gonçalo e a Reza de São Sebastião, que ao trazerem em suas marcas elementos providos de outros contínuos ou marcos civilizatórios como ameríndio ou cristão, mas que celebram a vida, afirmam identidades e educam para posteridade.

Tomando como base o diálogo construído nestas primeiras abordagens, o nosso trabalho concentrará esforços de entender em que sentido a tradição oral afrobrasileira emerge nas interações dos nascidos na comunidade negra rural do Mucambo, tentando esboçar, através dos relatos dos mais velhos, como as tradições estão presentes nas produções e fazeres desta comunidade a partir das celebrações religiosas. Também, percebendo como estas

festividades de cunho religioso dialogam com este novo teto contemporâneo e como os seus mantenedores significam\ressignificam estas tradições para gerar sentidos para as suas vidas.

2. Situando o espaço da pesquisa: *seus participantes e os caminhos condutores do estudo.*

Localizada na região Oeste da Bahia – o Além São Francisco, a comunidade negra rural do Mucambo fica a 15 quilômetros da sede do Município de Barreiras, que por sua vez está localizado a 870 quilômetros de Salvador e a 650 quilômetros de Brasília – Distrito Federal. A comunidade está enraizada na margem esquerda do Rio Grande. Segundo Castro(2003), designação originária do quimbundo *mukambo*, abrigo, esconderijo, refúgio.

Nas festas religiosas organizadas pela comunidade em que está centrada nossa pesquisa é possível perceber que o saber é constantemente reafirmado e redistribuído simbolicamente entre os seus membros. A expansão deste saber é comungado por todos e desenvolve uma espécie de currículo não formalizado ou legitimado pela escola, mas que aponta normas de convívio comunitário e conhecimentos dos valores da comunidade e de rememoração dos seus antepassados.

Este aspecto nos chama atenção, pois as festividades trazem elementos reinantes das vivências comunitárias ameríndias e africanas. Sem contar que as crianças, presentes em todas as atividades, assimilam estes saberes de forma lúdica e vivenciada no contato com seus familiares e com outras crianças, simbolizando a necessidade de preservação desta forma imaginada de ler as primeiras páginas do mundo, a partir da convivência em seu solo de origem.

Os sujeitos da pesquisa constituem-se de quatro informantes mais velhos da comunidade, que mantêm suas tradições em referência a festividades de Santos Reis e as rezas de São Sebastião e os relatos rememorados do Samba de São de Gonçalo, que, por se tratar de uma festa religiosa muito antiga na comunidade, não se tem mais a realização de suas práticas.

Nosso recurso utilizado para obtenção das informações foi conduzido pela entrevista narrativa, que, perscrutando as memórias dos nossos interlocutores, foi possível entender

como estas tradições estão carregadas de representações e as suas complexidades que ligam mundos e dar sentido à vida.

Nossas andanças conduziram aos relatos de Dona Odália da Luz⁴, Sr. Daniel de Jesus,⁵ Dona Aurelina Santos⁶ e Dona Maria da Cruz⁷, moradores antigos do Mucambo e que trazem grandes referências em relação às festividades principalmente do Samba de São Gonçalo em suas memórias e alguns trechos das músicas entoadas nos festejos. A publicação de seus depoimentos se deu mediante a autorização prévia dos interlocutores deste estudo para a divulgação de suas falas, respeitando a oralidade contida em suas falas.

3. Janeiro é de Reis, São Sebastião e sambado: *trançando saberes e firmando existências.*

Apresento os primeiros sinais que compõem os caminhos desta pesquisa em processo de desenvolvimento no período de janeiro de 2012 na comunidade do Mucambo. Os primeiros relatos que tecem o estudo foram cunhados no momento das festividades de Santos Reis na região de Serra Talhada e amparados na entrevista narrativa como instrumento de pesquisa trouxeram grandes contribuições para entender como se dão os processos destas tradições orais inseridas nas vidas de nossos *Mucambeiros*.

De início, na tentativa de entender como elas se constituíram, procuro, através das narrativas dos mais velhos, estabelecer um cruzamento entre os registros de suas falas e a abordagem teórica que reveste o texto. Desse modo, me ocuparei dos primeiros sinais que indicam o desempenho destes mais velhos moradores da comunidade negra rural do Mucambo, quando perguntados a respeito do valor destas comemorações tradicionais aliadas aos festejos de

⁴ 76 anos, nasceu no Mucambo. A mãe dela faleceu quando ela tinha apenas 12 anos. Reza de quebranto e de dor na cabeça. Segundo ela a Roda de S. Gonçalo era muito bonita. D. Odália é madrinha de S. Luciano. Participa dos festejos de Santos Reis

⁵ 64 anos, nasceu e mora no Mucambo de Baixo. Sua mãe Joaquina Maria de Jesus nasceu no Alberto Sant na local nas proximidades perto de Bom Jesus da Lapa. Sua mãe era uma grande rezeira de Quebranto, Espiela Caida, Ventre Caido. Sr Daniel toca a gaita na Festa de Reis, mas, tem outros instrumentos como o Bumba.

⁶ 66 anos, conhecida como tia Léa. Nascida no Mucambo. Tia Léa como é conhecida reza Santos Reis em sua casa e participa e organiza dos festejos fúnebres de novembro com o uso das matracas. Segundo ela o Mucambo foi refugio de escravos. Ela também confirma que a Festa de Reis veio do Mucambo de Baixo.

⁷ 71 anos conhecida também por Dona Maria Preta, mora na gameleira, Mucambo de Cima. Nasceu no Sítio do Rio Grande. Reza anualmente o Santo Antônio sendo uma herança deixada pela sua mãe. Participante ativa das festividades de Reis, São Gonçalo e a Festa Divino.

Santos Reis que acontecem nas proximidades de Serra Talhada no Mucambo de Baixo. Vejamos:

E sempre minha mãe ia pa a fulia de Reis tenho ainda aí o zabumba, tambor, tá tudo aí.Tá tudo aqui guardado aqui.Minha mãe e meu tio Jenuário irmão de minha mãe. Aí saiu cas fulia de Reis, mas sempre eu acompanhando toda vida.E lá num samba não porque eles num tem a tradição que nem nós tem.! É só a reza. Rezou uma vez mata o gado que dá ali na casa de uns parente, bem de frente pru sumutero. É um parente meu lá. Aí mata o gado e dá de esmola. e vai pa Gameleira. São duas reza la na Gameleira.[...] Aí reza dando café dando tudo. Eles canta aquela, a alvorada ao redor da igreja com S. Sebastião no andorzinho e sai cantando...rezando. Moço, o que eu faço hoje é ajudar e é a maior alegria que eu tenho na minha vida. Porque aí é a gente de Reis é a maior alegria que a gente tem na vida! É porque noite e dia, é tudo é divertimento só. Eu vou pa tocar é a gaita que eu gosto. – Eu toco é (?) eu tinha violão, tinha cavaquinho, tinha rebeca, tinha tudo mas a única coisa que eu gostei foi a gaita. A provar pa tu né, saber quem é eu. meus fios, só eu mermo é quem sabe. Minha mãe era pa cantar o Reis e eu pa tocar a gaita. Aí eles faleceu e deixou a traia comigo. Me entregou.(Sr.Daniel de Jesus 64 anos, Serra Talhada –Mucambo)

Nesta fala do Sr.Daniel em relação aos festejos de Santos Reis é possível perceber a riqueza do que estamos relatando, quanto à tradição, que é dinâmica e que passa por gerações a gerações movendo-se. A festa de Santos Reis exerce um princípio que é cíclico, aliada a continuidade de laços familiares. Assim, há afirmação dos laços comunitários e fortalecimentos dos sentimentos de união entre os membros da família, através dos bens produzidos pelas festas religiosas unidas à tradição.

Independente das formas de quem realiza os festejos religiosos na comunidade do Mucambo, há sempre uma novidade ou alguma particularidade que as distinguem umas das outras. Assim é importante sinalizar, que ambas as rezas, festas e cantorias, mesmo obedecendo a um mesmo santo ou crença se diferenciam entre elas, pela forma ou prática de como são realizadas.

E o que se tem de tão semelhante nestes momentos festivos é o destaque para a troca de bens simbólicos entre todos. Está troca encontra-se materializada pelas relações de

companheirismo, sociabilidade e lideranças comunitárias com a divisão de produtos entre o grupo. Vejamos esse compromisso na continuidade da narrativa do Sr. Daniel.

E lá num samba não porque eles num tem a tradição que nem nós tem.! É só a reza. Rezou uma vez mata o gado que dá ali na casa de uns parente, bem de frente pru sumutero. É um parente meu lá. Aí mata o gado e dá de esmola. e vai pa Gameleira. São duas reza la na Gameleira.[...] Aí reza dando café dando tudo. Eles canta aquela, a alvorada ao redor da igreja com S. Sebastião no andorzinho e sai cantando...rezando.(Sr.Daniel,Serra talhada-Mucambo)

Penso ser necessário entender, por este espaço promovido pela narrativa do Sr. Daniel, que a tradição que ele comunga e vivencia na sua comunidade, está enquanto continuidade para toda a vida. Nesta perspectiva cabe aqui entendermos alguns aspectos relevantes a que chamamos de tradição, que para Sodré (1995; 282) tem a seguinte relevância.

Está veiculada como uma força motriz para concretização de suas realizações entre todos da comunidade e com isso possibilitando mudanças, criando territórios livres para que cada pessoa possa expressar seus sentidos do mundo aliada ao fazer das coisas próprias para cada cultura.

Neste aspecto a noção sobre tradição para compreensão deste sentido está nas referências de cada comunidade e em suas particularidades. Assim, o saber é próprio para cada *continuum* civilizatório e cada um deles estrutura seu corpo de tradições que é reelaborada conforme as condições temporais dadas, mas que projeta tempos imemoriais, associando fazeres, expressões e história entre o que pode ser visto e tocado e o que se encontra no plano do imaginário.

Neste caso, Dona Aurelina dos Santos, a nossa segunda interlocutora, para além das festividades que acontecem em sua casa, há a existência de toda uma participação dos moradores e isso é potencializado na fabricação das bandeiras, divisão das bebidas e comidas. Enfim tudo é festa e este ato litúrgico tem íntimas ligações com o samba que acontece no final de cada reza. E estes ensinamentos são traspassados para frente, rumo às novas e futuras gerações, construindo identidades, constituindo em um arcabouço de memórias coletivizadas, unidas pela comunidade. Vejamos

Eu rezo minha lapinha com casinha de papel encerado e palha. “Todo ano eu rezo minha lapinha dia 6 de janeiro com reza com café, biscoito e bolo”. O samba eles canta depois de cantar o Reis. O samba é muito animado aqui. Quando meu marido era vivo na festa da lapinha ele mandava matar um porco, assava e distribuía com o povo. O samba, depois que canta o Reis o povo pede samba que é muito animado por aqui. Na casa da festa da lapinha todo mundo tira o chapéu, bota lá na frente da lapinha. (Dona Aurelina, Mucambo de Cima)

É possível perceber nas festividades de Reis, tanto na Serra Talhada como na casa de Dona Aurelina, conhecida cariosamente por Tia Léa, a ocorrência do samba, de procedência africana do mundo banto. O samba traz registros e referenciais que nutrem a comunidade de entendimentos e saberes que vão se modificando pressionadas pelas transformações hodiernas.

Na continuidade de sua narrativa, Dona Aurelina traz a aproximação de outros aspectos ligados ao Mucambo, quanto aos processos discriminatórios existentes na comunidade e, também, a existência de outras procedências religiosas como algumas representações em relação às práticas de curas e outros cultos de matrizes africanas ou ameríndias. Mas o que deixa claro no final de sua fala, é como é produzido o imaginário quanto às práticas de procedência africana, rotuladas de feitiçaria.

No entanto, há no Mucambo segundo alguns relatos dos mais velhos e jovens, uma presença muito forte da ocorrência de práticas de feitiço, atos de mau olhado ou agouro e que são curados por outros benzeiros. Na continuidade de sua narrativa, prossegue Dona Aurelina:

A festa de Reis veio do Mucambo de Baixo. A Festa do Divino é tradição todo ano. Ou no Mucambo de cima ou no de baixo. Distinção entre o Mucambo de cima e o Mucambo de baixo. Aqui em cima capitães, brancos e ricos, e no Mucambo de baixo os pobres e pretos. Tudo de negativo era atribuído à comunidade do Mucambo de baixo. Com relação à religião existem católicos, evangélicos e também benzedoras. Tinha também uma moça que fazia despachos. Daqui do Mucambo de cima. Ela nasceu aqui na região. A mãe dele era rezadeira e a filha macumbeira, depois ela parou. O povo que frequentava dizia que ela benzia e bebia muita cerveja e fumava. A mãe dela fazia feitiço. (Dona Aurelina, Mucambo de Cima).

Desse modo, a fala da nossa colaboradora parece deixar elementos que fazem da sua palavra o rompimento de uma história já dada e por vezes silenciada. Como uma ruptura ao concreto, uma vez escrito, mas que não é necessariamente verdadeiro, quando se refere ao Mucambo de Cima, um lugar de “brancos, capitães.” Neste caso a representação dos processos de

colonização, escravidão, que perpetuaram durante algum tempo no lugar, mas deixaram marcas em seus sentimentos. E o Mucambo de Baixo lugar dos “pretos e pobres”, demonstrando assim a visão de todo um jogo de poder, de discriminação racial e social e tensões religiosas.

Desta maneira, encontrei na contribuição de Bossi (2003; 15) condições para assentar a escrita sobre esta fala de Dona Aurelina que, apesar das poucas palavras, tem muito que dizer : “Os velhos, as mulheres, os negros os trabalhadores manuais camadas da população excluídas da história ensinadas na escola, tomam a palavra” .

Pois, não tendo em mãos uma “história escrita” pelas suas próprias narrativas, as informações vindas de outros interessados no assunto, estavam sustentadas por um discurso de esvaziamento, denotando que os moradores da comunidade não fossem agentes detentores de autoridade para narrar sua própria história. E quando lhes era dado este lugar, sempre lhes era concedido pela construção de uma história mediada pela voz dominante.

As tradições orais no Mucambo, vividas pelo presente, são rememoradas de um passado em passos para um futuro, que há de ser tecido por todos, mas, entregues a outras gerações, materializando as suas histórias, os contos, as passagens e cotidianos da vida e de seu semelhante. Quer dizer, a marca de cada um em conjunto com todos.

Dona Francina, nossa terceira colaboradora, elabora algumas lembranças de como era o Samba de São Gonçalo explicando a procedência da festa mantida na comunidade.

No samba de São Gonçalo as Mulheres de chapéu e homens de lenço. Luiz tambozeiro e o Josué era violeiro. A festa de Reis veio Mucambo de baixo, dos negros a de São Gonçalo veio dos Vieiras. A festa de S. Antônio foi criada por Maria Cruz. (Dona Francina-Mucambo de Cima)

Mediante as informações de dona Francina, as nossas andanças percorreram também o Mucambo de Cima, pousando uma conversa com dona Maria Cruz, conhecida por dona Maria Preta, que não gosta de ser chamada por este nome, mas foi através dele que chegamos a sua residência. As suas histórias transitam com a devoção a Santo Antônio e como matem esta reza passada por gerações familiares.

Sobre a ocorrência do samba do Maria Cruz, traz a seguinte lembrança, quando se remete aos festejos de Santo Antonio herdados pela sua mãe.

A reza era de minha mãe! Ela disse que fez uma promessa pra reza vinte anos ai era quando eu morava no Buqueirão era maio

*festa ! Aí ela saia com a folia do santo cantava nas casa tudo!
Recebia as esmola voltarva pra trás e no dia treze fazia a festa !
Ai ela rezava a reza soltava os foguetes e aí ia dá de comer! E o
povo sambava (tê, tê, tê....) Virava a noite com tambor e tudo.
Hoje não tem mais não! agora só faço a reza. (Dona Maria
Cruz 71 anos, Mucambo de Cima)*

Na narrativa de Dona Maria Cruz é possível perceber as modificações dos festejos de Santo Antonio, que vão se alterando com o passar dos tempos, perdendo e ganhando outros sentidos e práticas. Em suas lembranças, ela traz como a tradição era estabelecida no Povoado, ilustrando os laços de solidariedade e coesão social. Apesar das modificações geradas pela perda de queridos *rezeiros*⁸ e nas rápidas e inevitáveis transformações que afetam o dia a dia da comunidade, as tradições se matêm, por que são passadas de geração em geração se atualizando e fazem dos *Mucambeiros* um povo de tradição.

Outro espaço de produção inserido no corpo das celebrações religiosas do Mucambo é o fazer educativo, através dos instrumentos fabricados pelas mãos de mulheres e homens para as comemorações aos Santos Reis, envolvendo os mais novos da comunidade, uma prática que é outra forma de educação e socialização em diversas estâncias do cotidiano dos mais velhos e adultos aos jovens e principalmente a crianças. Sendo que estas merecem destaque na observação, condução e cuidados ao educar que “dês de cedo” aprendem o seu lugar e se envolvem com as atividades do fazer dos *rezeiros*.

Estas aprendizagens envolvidas pelo lúdico são realizadas no traçar das palmas de buritis na fabricação de instrumentos musicais para as festividades no aprender das músicas de trabalho que fazem parte deste cenário, com falas e significados diversos ou frases curtas e de domínio particular de cada membro da comunidade.

Neste campo de aprendizagens em relação aos mais novos incluindo jovens e crianças da comunidade, temos o olhar de Sr. Daniel de Jesus atento a todo esse processo de transmissão de saberes por gerações. Vejamos:

*A gente quando tem os verso pa ensinar essa aí pa a Roda de São Gonçalo
que mode não te mai, ai aqueles mais velho ensinam as criançã né! Mas elas*

⁸ Pessoas responsáveis pela organização dos festejos de Santos Reis e Festejos do Divino. Geralmente estes rezeiros podem se constituir de homens ou mulheres que herdaram a responsabilidade e o fazer das festas mediante as diversas condições como: pedidos em sonhos pelos seus antepassados, continuidade de uma prática já mantida na infância ou promessa ou graça recebida. Etc).

toca. na fulia de Reis. Alí quando elas estão dançando é tocando tudo de roupa que nem roupa de cigano, aquelas roupona, de chapéu. (Sr. Daniel, Serra Talhada-Mucambo de Baixo)

A inserção das crianças nos festejos é sempre acompanhada pelos mais velhos e fazem com que elas se vejam envolvidas pelas suas origens, lutas, disputas e conquistas e outras manifestações humanas que são trazidas através de todo este conjunto das músicas cantadas, das histórias narradas no meio aos fazeres da comunidade. Todo este contexto gradativamente aproxima as crianças e jovens da comunidade dos valores e da importância da sua cultura.

Contudo, percebemos a importância destas vivências para a vida em sociedade, em respeito à manutenção destas tradições e como elas se refletem no dia a dia das relações humanas. Toda esta teia comunal sinaliza discursos sobre a possibilidade de outra concepção em educação, envolvidos em regras e condutas de comportamentos, que são extraídos das festas sagradas com sua estética configurada nos rituais festivos, sacros e fúnebres, todos compondo um cenário de entendimento sobre a vida e para a vida.

4. Tecendo algumas preliminares considerações.

Aproximamos as nossas atenções para a comunidade negra rural do Mucambo que contempla a região do Oeste baiano inserida na vivência rural, a maioria de seus habitantes vivem dependentes principalmente da renda da agricultura familiar, tornando-se o meio substancial de sobrevivência econômica da comunidade.

Percebemos no desdobramento da pesquisa que filhos e filhas desta comunidade fabricam seus modos de vida, aliada às produções festivas e religiosas e que se traduzem em tudo e tudo dizem. Esta fé é revivida e reelaborada em cada cabeça, boca e pés do povo, em momentos festivos e no cotidiano. Bem como, suas origens, seus antigos fundadores, suas lutas e resistências e outras formas de sobrevivência, aniquilando a ideia comprometida pela valorização da cidade frente ao campo, ocasionando concepções do ambiente rural como um lugar atrasado.

Os princípios e formas religiosas de diversas tradições africanas e ameríndias desmembradas no Brasil durante séculos são vivenciados por muitas comunidades negras rurais, quilombolas, ribeirinhas e capixabas. Elas representam elos de afirmação dos vínculos de sociabilidade entre os seus membros e se estendem para fora dos seus perímetros, fazendo

com que seus membros compartilhem destas vivências em conjunto a outras situações sociais e comunitárias.

Portanto, a reelaboração das Tradições Orais Afrobrasileiras na comunidade negra rural do Mucambo, identificadas nos festejos de Santos Reis, Festa do Divino e a Reza de São Sebastião e outras presentes no entorno comunitário, ultrapassam os sentidos ligados ao seu fim utilitário. Eles são revestidos pelas tradições históricas, religiosas, míticas de fundação dessas comunidades, trazendo repertórios e símbolos que são absorvidos por todos. Desse modo, falam de um lugar e demarcam seus territórios culturais nos textos, nas músicas, nas danças com formas próprias e interindependentes, muito embora não sejam valorizados pela história oficial e pela própria sociedade.

Através desta abordagem, percebemos que os festejos dos *Mucambeiros* não estão representados apenas nos cânticos, rezas, folias com fins definidos por uma única via semântica. Mas, através destes festejos, diversas noções emergem, configurando sua riqueza para o olhar de quem é de fora e não vive o contexto, portanto, não poderia abranger esta magnitude festiva.

Neste sentido, esta identidade comunal é o ponto de ancoragem de todos os pertencentes ao Mucambo, que, distribuída através das narrativas-míticas e nas festas religiosas, envolvem adultos, jovens e crianças, estabelecendo o encontro com os princípios fundadores da comunidade a elaborar as referências que a caracterizam e a distinguem dos demais grupos, tornando-a singular e visível em sua elaboração e conscientização dos que já nascem neste contexto.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Educação anti-racista**: caminhos abertos pela Lei Federal n 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília; Ministério da Educação 2005.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: Ensaio de Psicologia social. -São Paulo: Ateliê Editorial, 2004, 2. Edição.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia**. 2 Edição Salvador: Academia Brasileira de Letras \ Top Books editora, 2003

GEERTZ, Glinford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro. Zahar. 1989.

MACÊDO, Marluce de Lima **Tradição oral afro – brasileira e escola: (des) encontros na encruzilhada**: uma reflexão a partir do município de Santa Bárbara – Ba. Salvador, Ba, 2004.

MESSEDER, Marcos Luciano **Lopes “Dinâmica Cultural e Construção Identitária: Reflexões em torno de uma Etnografia Contemporânea”*****” Texto referente a tese de Doutorado defendida em 2004 na Universidade Lumière Lyon 2, França, intitulada” Rituais e Dramas de Alcoolização entre os Tremembé.”

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá**: dinâmica da civilização africano-brasileira. Salvador. Centro editorial Didático da UFBA: Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil. P.11/ 33, 1995.

LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, Pg. 25-44, 1986.

SILVA, Valdélino Santos. Rio das Rãs à luz da noção de Quilombo. **Afro-Ásia**, n.23, 1999, p.267-295. Salvador, UFBA.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil/Muniz Sodré- Rio de Janeiro: Codecri, p-124, 1983.

*** Este texto é uma reelaboração de alguns extratos de nossa tese de doutorado, defendida em 2004 na Universidade Lumière Lyon 2, França, intitulada « Rituais e Dramas de Alcoolização entre os Tremembé ».